



## O futebol também ensina

Football also teaches

El fútbol también enseña

**Agnaldo Kupper<sup>1</sup>**

*Professor do Ateneu Ensino Médio e Vestibulares, Londrina/PR, Brasil*

Recebido em: 14/02/2020

Aceito em: 24/03/2020



10.34019/1984-5499.2020.v22.29651

### Resumo

Quais as relações que podem ser feitas entre a vida moderna contemporânea e a prática futebolística? As respostas podem servir como fios condutores para discussões em salas de aulas. Afinal, o futebol mexe com a rotina de nossas relações sociais, como bem afirma Roberto DaMatta na obra *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* (1979) ao indicar diversas explicações da sociedade brasileira através do futebol. Para entender o futebol moderno enquanto esporte e suas implicações na vida contemporânea, trazendo-o para o interior do ambiente educacional, esta rápida revisão de literatura procura demonstrar como um esporte, aparentemente vinculado a práticas de lazer, pode colaborar para que entendamos um pouco mais do mundo e suas transformações modernas. Da mesma forma, como o futebol pode tornar-se instrumento para o debate e atração em diversos temas cotidianos nos ambientes escolares.

**Palavras-chave:** Futebol moderno. Relações sociais. Educação.

### Abstract

What are the relationships that can be made between modern contemporary life and football practice? Responses can serve as guiding threads for classroom discussions. After all, football interferes with the routine of our social relations, as Roberto DaMatta rightly states in the work *Carnavais, rogues and heroes: for a sociology of the Brazilian dilemma* (1979), by indicating various explanations of Brazilian Society, through football. To understand modern football as a sport and its implications for contemporary life, bringing it into the educational environment, this quick literature review seeks to demonstrate how a sport, apparently linked to leisure practices, can help us understand a little more of the world and its modern transformations. In the same way, it's importante to underline how football can become an instrument for debate and attraction in different everyday themes in school environments.

**Keywords:** Modern football. Social relationships. Education.

### Resumen

¿Cuáles son las relaciones que se pueden establecer entre la vida contemporánea moderna y la práctica del fútbol? Las respuestas pueden servir como hilos conductores para las discusiones en el aula. Al final, el fútbol interfiere con la rutina de nuestras relaciones sociales, como afirma acertadamente Roberto DaMatta en la obra *Carnavales, pícaros y héroes: para una sociología del dilema brasileño* (1979) al indicar varias explicaciones de la

<sup>1</sup> E-mail: [agnaldokupper2009@hotmail.com](mailto:agnaldokupper2009@hotmail.com)

sociedade brasileira a través del fútbol. Para comprender el fútbol moderno como un deporte y sus implicaciones para la vida contemporánea, llevándolo al contexto educativo, esta revisión rápida de literatura busca demostrar cómo un deporte, aparentemente vinculado a las prácticas de ocio, puede ayudarnos a entender un poco más del mundo y sus transformaciones modernas. Del mismo modo, cómo el fútbol puede convertirse en un instrumento de debate y atracción en diferentes temas cotidianos en los ambientes escolares.

**Palabras clave:** Fútbol moderno. Relaciones sociales. Educación.

## Introdução: o surgimento do futebol moderno

*O Futebol também ensina  
Football also teaches  
El fútbol también enseña*

O futebol se assemelha às guerras ritualísticas de povos tradicionais. São disputas agonísticas por não envolverem apenas luta, mas exibição, em que o importante é sobrepujar o adversário sem causar mortes, atacando-o para vê-lo acuado em seu campo. O território de jogo é o espaço da guerra e a bola o objeto desejado pelos grupos oponentes, como numa caça esportiva (não é de se estranhar o fato de o futebol ter sido inventado pelos ingleses), onde cada bando “tenta impedir a morte simbólica de sua presa e matar a presa do outro bando” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 195).

Para Elias e Dunning (1995, p. 64), as sociedades humanas procuram compensar as tensões acumuladas dos indivíduos; o esporte seria uma das principais atividades de satisfação dos impulsos instintivos, emocionais e afetivos cerceados pelas regras sociais, liberando tensões provocadas pelo esforço da pessoa em conter-se, insinuando que a tendência humana é querer chutar, agredir com o pé o que vemos como possível ou o que se mostra à nossa frente, talvez daí a necessidade do futebol disciplinado. Ou seja, o ludopédio propicia uma progressiva conformação entre seus praticantes e espectadores, com as regras do jogo vinculando-se à necessidade de dosar e estimular tensões perante um combate fictício, estabelecendo equilíbrio entre prazer e controle dos instintos, em claro processo apaziguador.

Ao contrário do imaginado por muitos, o futebol percorreu um longo caminho enquanto jogo. Existem indícios de que na China antiga praticava-se o *tsutchu*, palavra que significaria “golpe na bola com o pé”. Um único jogador poderia fazer malabarismos com um objeto parecido com uma bola; na competição entre equipes, os praticantes deveriam lançar o objeto sobre uma rede, com adversários tentando evitar que a mesma tocasse o solo, ou ainda duas equipes tentando arremessar o objeto em redutos pré-fixados em cantos de um campo (o que podemos entender como gols) (PORTO; MÁXIMO, 1969).

O *kemari* (ke=chutar; mari=bola) foi praticado no Japão a cerca de três mil anos. Uma exibição de habilidade com um objeto semelhante a uma bola de pouco mais de vinte centímetros de diâmetro, composta de crinas de cavalo (AQUINO, 2002), mas onde os contatos corporais eram proibidos. Cada grupo (time) tinha oito jogadores e o campo de jogo (*kikutsbo*) era um quadrado demarcado por um pinheiro, um salgueiro, um bordo e uma cerejeira. Os jogadores deveriam conduzir a “mari” pelo alto, gritando a cada toque.

Na Grécia antiga, praticou-se o *epyskiros*, disputa entre equipes por uma bola, devendo ser utilizados os pés. Na Roma clássica, o *harpastum*, disputa por uma pelota entre os praticantes, com utilização dos pés e mãos em um campo retangular e metas em suas extremidades (BORSARI, 1989). No sul da França atual, célticos pré-romanos disputavam o *seault* ou *soule*, proibido por Felipe V em 1319. Na América Pré-colombiana, o *pirimatum*, o *tchoekah* e o *pok-tai-pok*, com disputas por uma bola de borracha maciça. Na Austrália, aborígenes disputavam o *Marn grook* (jogo da bola), disputado por até cinquenta componentes das tribos *Djabwurrung* e *Jardwadjali* (a bola era feita de pele de cangambá), havendo a utilização de mãos e pés. Os registros destas atividades, no entanto, são imprecisos.

Em tempos modernos, sem regras claras, algo parecido com o futebol também já era praticado em Florença, Itália. Em 17 de Fevereiro de 1529, por exemplo, vinte e sete jogadores com camisas brancas e vinte e sete com camisas verdes disputaram o *calcio*. Foi a forma encontrada por dois grupos políticos rivais para solucionar suas diferenças.

Políticos como Alessandro de Médici, religiosos como os papas Leão X, Clemente VIII e Urbano VIII e escritores como Nicolau Maquiavel, teriam praticado o jogo precursor de nosso futebol contemporâneo.

Na França pré-revolucionária, a nobreza ociosa era amante do *jogo da péla*, prática apontada como sagrada e considerada ancestral do tênis. Tal disputa era realizada em um campo retangular, com uma bola de borracha extremamente pesada e dura, que representava o Sol. Os jogadores só podiam dar movimento à *péla* com a cabeça, braços e pernas (não podiam fazer uso das mãos e pés). A peleja simbolizava o combate das forças cósmicas e servia de fonte de presságios. A vitória da equipe que ocupava o lado ensolarado do campo era vista como indicação de algo favorável ocorreria. Ao contrário, a vitória do time que ocupava o lado sombrio seria um sinal de que algum acontecimento negativo estaria por ocorrer (KUPPER, 2014, p. 17).

Mas foi nos anos finais do século XVIII, com a consolidação do parlamentarismo e a Revolução Industrial, representando a vitória do capitalismo na sociedade inglesa, que começaram a ocorrer

mudanças no jogo da bola. Aos dirigentes da aristocracia interessava reformular a educação então dominante no país e valorizar o cristianismo atlético, visão voltada para ampliar a fibra moral das elites inglesas.

O futebol, esporte que vincula disciplina e solidariedade, serviria ao propósito. Em 26 de outubro de 1863, surgiu o chamado *football association* (futebol moderno), quando representantes de onze clubes e escolas reuniram-se e fundaram a *Football Association*, em Londres (acredita-se que o número de onze jogadores tenha sido definido a partir dos onze representantes reunidos). Neste mesmo ano, o futebol foi codificado em apenas quatorze regras (atualmente, são dezessete), tornadas públicas em livros e cartilhas distribuídas pelo país, como uma forma de controle sobre as emoções. Como as discussões mantinham-se, necessária a introdução de um árbitro. Decidiu-se, ainda, que os jogos deveriam ser decididos por gols, com prorrogações até que houvesse desempate (NORONHA, 1975, p. 294).

Ao que consta, as regras do futebol vinculam-se ao Parlamentarismo, onde o poder não está concentrado apenas em um indivíduo, mas é dividido entre setores sociais rivais, o que exige negociação e revezamento dos grupos através de leis, porém com regras de conduta e participação. As regras definidas procuraram pressupor a igualdade de condições entre os competidores. O triunfo representaria os valores capitalistas: a vitória obtida a qualquer custo, com o adversário devendo ser superado a qualquer custo.

A febre futebolística vivida na Inglaterra a partir da segunda metade do século XIX espalhou-se pelos mais diversos cantos britânicos (escolas, fábricas, portos e ferrovias) e do planeta, encontrando no continente americano um de seus campos mais férteis.

Os clubes ingleses foram associados ao processo industrial, estruturando-se a partir de empresas siderúrgicas (caso do *West Ham*), ferroviárias (*Manchester United*) e armamentistas (caso do *Arsenal*). Não é à toa que vários clubes tenham adotado nomes ingleses na América do Sul, caso do *Banfield*, *Newell's Old Boys*, *River Plate* (Argentina), *Sport Club Corinthians*, *River*, *Tranways* (Brasil), *Everton*, *Green Cross* (Chile) e *The Strongest* (Bolívia).

Ou seja, a difusão do futebol seguiu a influência cultural inglesa: num primeiro momento a proliferação da prática nas ilhas britânicas; em seguida, na Europa germânica, chegando posteriormente à Europa Latina e na América Latina (no Brasil, embora mais enraizado em São Paulo e Rio de Janeiro, próprio dos maiores investimentos britânicos, espalhou-se simultaneamente por vários pontos de seu território) (FRANCO JUNIOR, 2007).

## As relações entre o futebol moderno e a vida contemporânea

Berço da produção industrial, o futebol significa trabalho em equipe, diferenciando a fábrica moderna da produção familiar artesanal (THOMPSON, 1998, p. 294). Pelo menos nas primeiras fases revolucionárias industriais, um jogador de futebol – assim como um trabalhador – possuía funções específicas relacionadas ao time em que atuava (ou fábrica, caso do operário), devendo, assim, especializar-se em uma posição (ou na linha de montagem).

Tal qual uma fábrica que exige disciplina do trabalhador, do jogador de futebol também se espera que siga as instruções de um treinador se não quiser perder seu posto de atuação. O respeito à hierarquia do clube também deve ser levado em consideração (caso o jogador- como o trabalhador – não queira perder sua vaga, sempre disputada, quase sempre provisória).

A duração de uma partida de futebol não depende de uma contagem de pontos (caso do vôlei e do tênis), mas do cronômetro (como a fábrica). Sua busca é por rendimento quantitativo, onde o triunfo se dá a partir da meta atingida a partir do trabalho em equipe, segundo a divisão de tarefas. Assim como a produção industrial, o todo deve estar voltado para que se atinja o objetivo: produzir e defender o produzido de qualquer revés, segundo técnicas e regulação.

O futebol estabeleceu-se a partir de um processo de modernização que passou a atingir vários países, principalmente a partir do processo revolucionário industrial. O Brasil não fugiu à regra, com o futebol transformando-se em *hobbie* para inúmeros trabalhadores.

Assim como no sistema produtivo, no futebol alguns realizam, outros pensam e dirigem; outros colhem os resultados. A prática do esporte propicia, em normalidade, um sentimento de grupo, em que pese existência de uma hierarquia existente dentro de seu corpo. Desta forma, as tensões internas tendem a diminuir, encobrendo as contradições.

A popularização de práticas esportivas como o futebol (que em tempos contemporâneos abandona progressivamente seu caráter recreativo para transformar-se em atividade vinculada ao consumo de massa) fundamenta-se (não só, mas acima de tudo) em relações capitalistas.

Para Hilário Franco Júnior (2007) os esportes modernos devem ser observados no âmbito do darwinismo social, ou seja, como espaço de organização das elites para tornarem-se referência a outros setores sociais.

Aponta-se para a proliferação dos esportes modernos (caso, em especial, do futebol) fatores como o nacionalismo, interesses científicos e a cultura de massa. Porém, o destaque à popularização do

futebol também deve ser atribuído à facilidade de praticá-lo, como bem define Glauco Souza (2015, p. 46):

De maneiras diversas, as classes baixas também puderam desfrutar do esporte bretão, pois o futebol, diferentemente do remo, do turfe, do ciclismo ou do alpinismo, não era refém de instrumentos para ser praticado, isto é, enquanto, sobretudo o remo e o turfe, precisavam, obrigatoriamente, de barcos e cavalos, o futebol não exigia nem mesmo uma bola oficial.

Não é de se estranhar o desenvolvimento do esporte moderno na linha trajetória do capitalismo em sua fase industrial: racionalização, padronização e cálculo de performance, acompanhando a transição para a vida de base urbano-industrial (competitiva, racional e marcada pela busca de eficiência), expressando a passagem para uma nova mentalidade social, enraizada entre membros sociais privilegiados (até pela disponibilidade de tempo livre entre membros de uma elite social), mas depois internalizada entre os trabalhadores (até como forma de reforço às mentalidades dos segmentos sociais dominadores).

Dentro do contexto da urbanização trazido pelo processo revolucionário industrial, a educação passou a adquirir *status* de treinamento para o hábito do trabalho, com destaque à pontualidade e ao estabelecimento de regras rígidas. Ou seja, o espaço escolar ganhou contornos do espaço urbano, demonstrando a nova concepção em curso: trabalho e tempo como valores a serem absorvidos, o que vale dizer que a passagem da produção manufatureira para a industrial passou a impulsionar a substituição do tempo natural pelo tempo da produção, o que pode ser traduzido pelo novo imperativo: eficiência.

Para Elias e Dunning (1992, p.322), o aumento do significado de práticas esportivas como o futebol relaciona-se a três aspectos:

[...] o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de excitação agradável; a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva; a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas.

O futebol instituiu fundamentos ocultos de dominação ao localizar a dominação masculina na legitimação dos corpos. Na verdade, uma dominação pouco evidente, o que significa que as diferenças biológicas mobilizam-se para fundamentar as diferenças entre os indivíduos de uma estrutura social. Para Walter Benjamin (1984), a dominação masculina no futebol (e no universo esportivo de contato físico) mostra-se através de elementos que indicam força e virilidade. Ao feminino estariam destinadas práticas esportivas reforçadoras de características estéticas, ou seja, legitimadoras da feminilidade.

Difícil para o futebol, neste sentido, firmar-se como prática integrada às mulheres, a não ser na condição de torcedoras. Difícil para o futebol, neste sentido, firmar-se como prática integrada às mulheres, embora as posições venham se modificando:

Criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, o futebol parece pertencer ao gênero masculino, como parece também ser de seu domínio o julgamento de quem pode/deve praticá-lo ou não. É quase como se à mulher coubesse a necessidade de autorização masculina para tal (GOELLNER, 2000, p. 81).

### **Futebol que absorve a alma**

Afinal, para quê e para quem serviu e serve o futebol? Como, a partir da sua popularização, uma pessoa ganha paixão pelo seu time ao ponto de ver seus dias transformados após uma conquista, de trajar-se como se fizesse parte do elenco de uma agremiação, de zombar do derrotado, de se satisfazer com a humilhação do inimigo?

Victor Melo (2010) afirma que, desde que se organizou enquanto fenômeno social, o lazer apresentou-se como espaço de lutas simbólicas. Em primeira instância, porque foram conquistados e não cedidos pelos proprietários dos meios de produção. Em seguida, por permitirem compreender os interesses existentes no interior de uma sociedade, o que permite a compreensão das relações sociais. Para o autor,

A vida festiva tem seu valor reconhecido não só como válvula de escape, mas também como manutenção da pressão, da coesão, como estratégia de subversão. Os momentos de diversão são eivados tanto por elementos de conservação quanto de contestação da ordem. Mais ainda, como tempo/espaço de vivência cultural, seria local privilegiado para compreender como o erudito e popular se cruzam (MELO, 2010, p. 19).

Acredita-se que ninguém acompanha futebol apenas para ver seu time triunfar. O faz – mesmo sem clara noção e intenção – para aprender a viver melhor e para compartilhar coisas boas e ruins, em um exercício que pode nos fazer entender que não se pode controlar tudo que ocorre na vida.

O torcedor ardoroso equilibrado, ao ver seu time cabisbaixo após um revés, aprende a aceitar fracassos pessoais, o que certamente o faz lidar melhor com a vitória, entendendo que tanto um quanto a outra pode nos ser passageira.

Vive-se sem termos bem a certeza das razões e, de forma bem similar, torcemos para um time sem exigir nada em troca. Aliás, ao nos engajarmos em uma torcida, percebemos que não estamos sós

(talvez, menos sós) e que cada uma possui suas peculiaridades: cantos, gritos de guerra, manifestações.

Muitos arriscam afirmar que a vida humana ocidental, principalmente a partir do século XVIII, passou a aparentar partidas de futebol: embates, tempo medido, lutas pela titularidade e aceitação, torcidas agindo como partidos políticos, advertências, disputas, discussões de teses, improvisos, regras e transgressões, práticas de alienação, simbologias da socialização, teatralização da vida social, encenações abstratas de guerra, entre outros.

Os cantos, as bandeiras e a percussão da torcida fazem parte do ritual do jogo. Expressões utilizadas no meio deste esporte tais como “tiro-de-meta”, “canhão”, “bomba”, “ataque”, “defesa”, “artilheiro”, entre outros, são comuns e fazem parte de seu vocabulário (não espanta as táticas do jogo de futebol evoluírem de acordo com as disposições de tropas no terreno em que elas devem combater, o que pode ser observado, por exemplo, em lutas pela descolonização da Argélia e Congo na segunda metade do século XX).

O futebol está vinculado ao poder e à tentativa de vencer bloqueios à base da força e da estratégia. Em verdade, futebol se joga como se guerreia: com as armas que se têm, com os espaços geográficos, políticos e sociais que se possui. Como exemplo, basta que lembremos da seleção holandesa de futebol na Copa do Mundo de 1974, realizada na Alemanha: um time articulado para não guardar posição e preencher os espaços do campo do jogo, esquema que pode ter sido montado a partir das características naturais do país, de território pequeno e constituído de regiões planas e forte presença do mar, densamente povoado.

Nascido na Inglaterra industrial dos 1860, o futebol ganhou regras fixas e, desde então, tem sido o sujeito predileto de intensas projeções simbólicas em todo o planeta, embora territórios que se associaram forçadamente ao império britânico tenham resistido ao esporte, caso da África do Sul, Austrália, Estados Unidos da América, Canadá e Nova Zelândia (da mesma forma no mundo islâmico, onde o futebol passou a ser apreciado e a desenvolver-se apenas a partir da década de 1970, depois que o símbolo do imperialismo deixou de ser o inglês para ser o norte-americano, sem grande tradição na prática). Resistências...

No futebol, não há graça quando uma equipe faz muitos gols. Caso ocorra, será monótono e cansativo. Um gol e a defesa na tentativa de se evitar um tento torna-se mais interessante por fomentar a sensação de guerra, de disputa.

E torcer significa dobrar, virar, entortar. Talvez só mesmo o futebol seja capaz de unir torcedores pobres e ricos, capitalistas e comunistas, muçulmanos e judeus, além de inverter a ordem de



importância do mundo (num encontro futebolístico, uma potência bélica e econômica pode se sentir inferior a um país sul-americano ou africano, afinal o arsenal é o mesmo para os dois, excluindo-se aí a participação da torcida, normalmente um fator de peso no desenvolvimento de um embate). Da mesma forma que une, o futebol proporciona a cristalização de rivalidades (FOER, 2005): protestantes e católicos na Escócia (vide Rangers x Celtic), resistência catalã na Espanha (Barcelona x Real Madrid), maragatos e federalistas no Rio Grande do Sul (Internacional x Grêmio).

Michel Houellebecq (2008, p.10), escritor francês, afirma que o futebol seria a saída “para as frustrações ligadas ao desaparecimento das guerras e arte para as frustrações ligadas ao surgimento da democracia”. No caso, Houellebecq refere-se a Tocqueville, que identificou ser a democracia um regime em que é possível transformar uma sociedade em um rebanho obediente e uniforme entre si e com a propagação de apenas duas preocupações: prazer e saúde.

Segundo o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (1982), o futebol possui duas vertentes. A primeira é ideológica, de cunho mais cultural-nacionalista, quase poético; a outra é de caráter empresarial, o que envolve os meios de comunicação, o futebol-empresa e os serviços gerais que envolvem a economia do meio futebolístico. Na vertente ideológica, o futebol serve como argumento nacionalista e de unidade.

O futebol é um esporte de fácil assimilação e improvisado, anárquico. Talvez daí popularizar-se, arraigar-se entre os menos favorecidos. Caso sejam dispensadas as regras oficiais, joga-se como quiser (KUPPER, 2019, p.28). O campo de jogo pode ser adaptado, assim como as metas (gols). Dois pares de chinelos podem ser o bastante para delimitar o objetivo. O campo pode ser um pedaço de calçada ou de rua. O piso pouco importa: regular, esburacado, íngreme. O tempo é livre; pode até ser por número de tentos marcados, tal qual “vira a seis, termina a doze”. Oficialmente, onze jogadores de cada lado, mas podem ser unidos quantos jogadores se desejar ou se tiver à disposição. Com goleiro, sem goleiro, com goleiro-linha. Até a bola pode ser adaptada. Pode-se apitar por consenso. A tática pode existir, ser traída e subtraída quando o futebol é praticado por diversão, no que Arlei Damo (2005, p. 35) intitulou prática da “bricolagem”, por não reproduzir a divisão social do trabalho através das especializações das funções em campo ou fora dele nem buscar o rigor disciplinar, do tempo e das regras. Mesmo embates entre casados e solteiros podem fazer alusão ao status (os providos e os desprovidos de liberdade). Em duelo entre os ‘com camisa’ e os ‘sem camisa, a tendência é que se torça para os descamisados.

Mensagens sobre condição social, política e sexo também podem ser enviadas através do futebol. No Brasil, “porco”, “favelado”, “burguês”, “pó-de-arroz”. Traduzindo: Sociedade Esportiva

Palmeiras, Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube, Fluminense carioca. É que o futebol se remete ao espectro social, às origens dos clubes. A luta, o estigma, a boa vida, são registrados sem grandes valores práticos, como uma ofensa às origens, mas que se resolve no jogo, na disputa, em que cada grupo procura se afirmar e reafirmar sobre o outro através da vitória. Se assim, a condição nos remete ao imaginário ao se procurar superar diferenças sociais e reafirmar visões de mundo.

Para Chico Buarque (2006), no futebol, os mais ricos são os donos do campo e os pobres os donos da bola; uns são equilibrados, outros equilibristas. Walter Benjamin (1984) sugere que o futebol seja um jogo constituído de uma porção masculina e outra feminina. O ataque seria representado pelo caçador (centroavante); a defesa, pelo goleiro, responsável pela proteção ao espaço que não pode ser penetrado, violado. Seguindo seu raciocínio, um goleiro que coloque uma partida a perder pode ser execrado, tal como aconteceu com o goleiro Barbosa na Copa de 1950, quando o Brasil perdeu a final em uma Maracanã abarrotado a partir de uma suposta indefinição sua.

Ao contrário do basquete, do vôlei, do futebol de salão e de tantas outras modalidades, o futebol de campo é praticado ao ar livre, ao natural (embora atualmente tenhamos arenas climatizadas e protegidas das imprevisões da natureza, caso do Atlético Paranaense), exposto à natureza, mantendo sua origem rural. Certamente porque a Revolução Industrial Inglesa baseou-se em um capitalismo agrário, em uma transição rápida, mas que não quis perder seu limiar. Para Verdú (1980, p. 120), o vôlei, o handebol e o futsal são esportes “transportados da intempérie para a proteção do ginásio, como uma réplica da produção industrial que cobre o mundo agropecuário (viveiros, estábulos, granjas)”.

DaMatta (1982) define o futebol como uma peça social por ser imprevisível e, ao mesmo tempo, um espaço democrático por ter o torcedor a possibilidade de livre manifestação, com as equipes que duelam partindo das mesmas condições (mesmo número de atletas e placar inicial igualitário), onde a equipe mais fraca teria possibilidade de vencer. Talvez por isso os norte-americanos não o admirem tanto, resistam tanto, incorporando-o aos poucos por perceberem que a prática atrai lucros vultosos no mundo globalizado contemporâneo. Países como o Brasil o incorporaram rapidamente, talvez como uma das únicas formas de se sentir grande, talvez porque a prática não dá o direito do vencedor de portar-se com extrema arrogância nem ao derrotado sentir-se menor. Até porque o futebol é cíclico: uma derrota hoje pode ser rapidamente absorvida pela vitória no jogo seguinte.

DaMatta (1982) afirma ainda que jogar futebol denota certa ligação com “jogos de azar” e que no Brasil, diferentemente de outros países, praticá-lo possui vínculos com sorte ou destino. Mais: entre os brasileiros, a prática, apesar de associativa, apresenta ingredientes próprios de individualidade e

improvisação, o que expressa a sociedade brasileira, muito mais vinculada ao individual do que ao coletivo.

As regras do futebol favorecem, em normalidade, o talento. Em normalidade. Afinal, o futebol é o único esporte coletivo onde uma equipe inferior, ao desejar manter o placar que lhe é favorável, fecha-se em campo em defesa da vantagem obtida ou que deseja obter.

Mesmo as dimensões do campo, estabelecidas em formato retangular, impõem o jogo pelas laterais, verticalizando o objetivo: o gol.

Na vida cotidiana, os apreciadores de futebol reconhecem que o futebol preenche vazios (desde que os interlocutores apreciem o esporte). Nas conversas, nenhuma conclusão, tal qual uma mesa-redonda de televisão ou rádio. Isto porque, no “bolapé”, uma bela jogada não se esgota no momento em que o lance genial se deu, mas perdura, mantém-se, é recriado nas conversas e relatos que reconstituem o momento, ampliando-se, enriquecendo-se, passando a habitar o tempo da memória. Quanto mais intenso for o momento vivido, maior a rememoração. É como se a necessidade de fantasia coletiva passasse a ser individualizada. Ou seja, o futebol coloniza o imaginário. O que é desenvolvido em campo de futebol é amplificado e passa a residir o tempo da memória. Desta forma, os hinos dos clubes remetem-se à sua história, feitos heroicos, conquistas, identidade e espaço de origem, em clara construção imaginária e social.

Bem fez Hobsbawm ao afirmar que o futebol tornou-se a conversa social do bar, uma “língua franca”, principalmente para os trabalhadores, aproveitando-se do vácuo deixado pelas esferas comunitárias em desagregação na cidade moderna (HOBSBAWM, 1991).

Muitos ainda veem o futebol como algo menor, distanciando-o da vida brasileira (como se fosse possível). Talvez por preconceitos adquiridos a partir da visão histórica de anarquistas, anarco-sindicalistas, socialistas e comunistas, que viam no esporte um fator de alienação à causa operária nas primeiras décadas do século anterior. Talvez pelo fato de a prática ter sido usada como veículo para a popularização dos governos Getúlio Vargas - especialmente durante o regime do Estado Novo (1937 e 1945) - e militar (1964-1985) – principalmente por ocasião da conquista do tricampeonato mundial de 1970 por parte da seleção brasileira. Porém, como bem nos aponta Guazelli (2000), os antagonismos e visões políticas contrárias podem ser transferidos para o futebol como canal de demandas políticas reprimidas.

Para aqueles que consideram o assunto futebol algo menor, acreditando existirem temas mais importantes, mais relevantes, mais salientes, uma boa desculpa para o distanciamento e soberba.

Porém, acreditamos que o futebol (por ser um daqueles seduzidos pela prática) representa a vida: real, por vezes dramático, misterioso e, na maioria das vezes, interessantemente alienante.

Os reticentes em relação ao futebol denunciam sua futilidade por anestesiar o espírito crítico, afastando a reflexão e a contestação, o que dificultaria as transformações sociais e políticas.

Vale destacar que quase todo brasileiro é um historiador do futebol, conhecedor de escalafões, de momentos vividos, desenhista tático e crítico. Um historiador que não frequentou os bancos universitários e que, como tal, totalmente envolvido pelo senso comum (KUPPER, 2019, p. 12-13).

### **Considerações finais**

O caso do futebol é emblemático. Faz-se necessário entender como populares do mundo todo se apropriaram do esporte, como que o tomando das camadas mais abastadas que o introduziram no país. Mesmo com as tentativas das elites em coibir a prática, a apropriação se deu.

Não se pode negar que, particularmente no Brasil, a prática futebolística está inserida nas relações sociais e, como tal, sujeita a novas participações, a novos sentidos e significados. Desta forma, é parte integrante das mudanças engendradas pelo processo histórico. Não se pode desconsiderar, também, que a popularização do futebol enquanto fenômeno que mobiliza multidões segue a lógica capitalista: publicidade, evolução editorial e das mídias televisiva (a expansão comercial do futebol e sua incorporação como fenômeno da indústria cultural e de massa têm atraído pesquisadores, mas a visibilidade ainda é pequena perante a dimensão).

Desmistificar o futebol talvez nos faça entendê-lo como altamente relevante para aprofundamentos sobre a vida individual e social. Ao sugerir o tema em salas de aulas, usando-o diversas vezes como exemplo a vários assuntos e debates, relacionando-o a contextos, é possível perceber o quanto as discussões passam a ganhar maior sentido ao envolver o mundo discente por fazer brotar relações entre a vida prática e o futebol, atraindo e gerando interesses. Até porque a prática futebolística, em sua gênese e desenvolvimento, confunde-se com visões de vida modernas.

Hans Gumbrecht (2007) busca a compreensão de serem as práticas esportivas tão apreciadas. Para ele, os torcedores não ganham nem perdem com o resultado dos jogos (a menos que façam apostas), apontando que o esporte – em especial o futebol – gera uma ruptura com o cotidiano.

Para deixar de ser folclórico e vazio, o futebol necessita ser historicamente desconstruído. Claro, com modelos, novas fontes e teorias que o revitalizem. Ou seja, é necessário historiar os componentes

desse sentimento. Afinal, a paixão faz sofrer, suportar, enlouquecer, mas também revolucionar. Dessa forma, deve ser colocado como assunto de discussão contínua no universo educacional, uma vez que desprezar o tema é rejeitar o cotidiano, o lúdico e o sentimento que permeia gerações, por onde insatisfações, frustrações e explorações são extravasadas (caso do brasileiro).

Um povo (brasileiro) que fala o “futebolês”: para uma conversa informal “bate-bola”; para esquecer os problemas, “bola pra frente”; para arriscar um palpite, “um chute”; para deixar algo de lado, “chutar para o alto” ou “botar para escanteio”; para se insinuar, “dar bola”; para livrar-se, “dar um cartão vermelho”; para mandar para longe “dar um bico”; para agir rispidamente, “entrar de sola”; para estar numa situação duvidosa, “entrar em bola dividida”; para uma trama, “uma jogada”; para demonstrar competência, “jogar para a torcida”; para acompanhamento a curta distância, “marcar homem a homem”; por se cometer um engano ou errar, “dar uma pisada na bola”; para assumir a responsabilidade, “matar no peito”; para trabalhar duro, “suar a camisa”; para resolver uma situação difícil, “tirar de letra”, “bola fora” para uma colocação imprudente, entre tantos outros jargões.

Não se pode desprezar o esporte que, em países como o Brasil, saiu da condição de elite para engrossar o cotidiano de milhões de indivíduos e que, mais do que rivalizar, une, apesar das diferenças. Uma expressão tão poderosa que, nos dias contemporâneos globalizados, dirigentes do esporte tentam “civilizá-lo” através da diminuição do tamanho dos estádios, moldando-os de forma restritiva como *shoppings centers*. Mais: procuram “europeizar” a prática em países periféricos como o Brasil.

O futebol é um reflexo do que somos e de como temos olhos ao mundo. Certo, também, que o futebol suaviza. Talvez Wisnik (2008, p. 11) tenha razão ao afirmar que “viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele”.

Futebol se vive, se consome e se pratica. E se sonha.

## Referências

BENJAMIN, Walter. Brinquedos e jogos. *In*: BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução de Marcos Mazzari. São Paulo: Editora 34, 1984. p. 100-120.

BORSARI, José Roberto. **Futebol de campo**. São Paulo: EPU, 1989.

BUARQUE, Chico. O moleque e a bola. *In*: COELHO, Eduardo (Org.). **Donos da bola**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006. p. 54-56.

DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo x drama de justiça social. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 54-60, 1982.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

ELIAS, Norbert. **Deporte y ocio em el proceso de la civilización**. 2. ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GELLNER, Ernest. **Nacionalismo e democracia**. Brasília: Editora da UNB, 1981.

GUMBRECHT, Hans U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUAZELLI, César Augusto B. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. **Anos 90**: revista do programa de pós-graduação em história, Porto Alegre, n. 13, p. 48, jul. 2000.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

KUPPER, Agnaldo. **Sociologia**: diálogos compartilhados. São Paulo: FTD, 2014.

KUPPER, Agnaldo. **Nos rastros da bola**. O futebol brasileiro entre apropriações e desapropriações. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual Paulista, UNESP, São Paulo, 2019.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Futebol e cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.

MELO, Victor Andrade. **Esporte e lazer**: conceitos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

NORONHA, Sérgio (Org.). **Almanaque dos esportes**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1975.

PORTO, Roberto; MÁXIMO, João. **A história ilustrada do futebol brasileiro**. São Paulo: Edobras, 1969.

SOUZA, Glauco José Costa. O futebol nós podemos jogar: uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro. **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 46, 2015.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. *In*: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.

VERDÚ, Vicente. **El fútbol**: mitos, ritos y símbolos. Madri: Alianza, 1980.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.